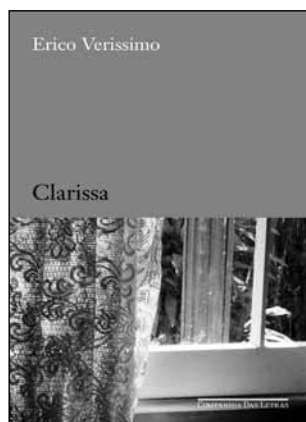


CLARISSA E
MÚSICA AO LONGE





Clarissa é uma adolescente de quase catorze anos que sai da pequena cidade de Jacarecanga, no interior do Rio Grande do Sul, e vai morar em Porto Alegre, na pensão dos tios. Está para se formar professora.

Perante os olhos ávidos da garota passam as personagens da pensão, com seus grandes conflitos, pequenas alegrias, impasses e decepções. Quem mais a atrai e intriga é Amaro, um homem maduro, bancário que sonha ser músico. Apesar de seu jeito seco e taciturno, Amaro cerca Clarissa de amabilidades, pois ela lhe lembra um amor inocente, de uma inocência que ele, um músico frustrado que toca num piano alugado, já perdeu.

Clarissa percorre as ruas, as praças da cidade, vai à escola, ouve falar da ascensão de nazistas e fascistas na Europa e de conflitos inevitáveis que se armam, ameaçando a paz. Descobre as primícias dos sentimentos amorosos e, ao presenciar um caso de infidelidade conjugal, se vê de repente iniciada nos mistérios e contradições da vida.

O convívio com o menino adoentado que perdeu a perna num acidente lhe mostra o poder consolador do afeto e a irremediável infelicidade da infância perdida. A escola, que lhe abre as portas de uma opção de vida, também se fecha em padrões rígidos e comportamentos autoritários voltados para o passado. Nos pequenos animais que participam do mundo de Clarissa, o papagaio que sabe seu nome, o gato que deseja comê-lo e o peixe que ela ganha de presente, a jovem descobre os afetos que, pelas circunstâncias da vida, se fazem e devem ser abandonados.

Quando ela completa catorze anos e se forma, muita coisa mudou. Clarissa conheceu o travesseiro das decepções, a paixão das pequenas e grandes descobertas, o sabor acre da morte sem remédio. No final do romance ela retorna à terra natal, a pequena cidade de Jacarecanga. Ao lado das vaidades de mocinha, descobre a solidão, bem como o silêncio, já que não pode mais compartilhar seus conhecimentos com os outros.

“Que será de mim?”, se pergunta, enquanto um carro a leva para a estação de trem.



A jovem Clarissa está de volta à terra natal, no interior do Rio Grande do Sul. Professora formada na capital do estado, agora dá aulas na escola local. À medida que o tempo passa, a ingenuidade que ainda habita a garota cede espaço à consciência cada vez mais aguda e dolorosa do drama que Jacarecanga e a família dela estão vivendo.

Clarissa descende do outrora poderoso clã dos Albuquerque, donos de terras e gado na região. Seu bisavô lutou na Guerra do Paraguai, mas tudo o que resta da grandeza daquela época é o retrato dele, fantasma e carranca que domina a sala do solar da família. Os Albuquerque estão empobrecendo, perdendo terras e casas para os Gambas, imigrantes italianos. Em torno do casarão da família, encontramos João de Deus e dona Clemência, pais de Clarissa; a tia Cleonice, que há doze anos espera um casamento; o tio Jovino, um beerrão que nada faz além de beber; o tio Amâncio, viciado em cocaína, e a tia-avó Zezé, já um tanto demente por conta da velhice.

Depois de perder mais uma casa, todos se veem na contingência de habitar o solar. Com eles vem também Vasco Bruno, primo e companheiro de infância que Clarissa admira. Em meio aos conflitos incessantes, o passado próximo e conturbado da família da garota vem à tona: o tio que se suicidou ainda jovem; a derrocada financeira da família; a complicada história da mãe de Vasco, que, seduzida e abandonada pelo marido, também se suicidou.

É um mundo perdido, de onde as personagens não conseguem sair. Enquanto afundam, se debatem na sua impotência. O refúgio de Clarissa é o diário que começa a escrever. Mas um dia Vasco o rouba. A jovem se desespera, pois acha que o primo vai zombar dela e cobri-la de acusações. Nada disso acontece: Vasco lhe devolve o diário e diz que passou a conhecê-la melhor.

É nesses passos e contrapassos que Clarissa, sem sair da acanhada Jacarecanga, conhece a complexidade do mundo.

A personagem Clarissa: menina & moça

Regina Zilberman



Em narrativas de estilo simples e direto, a jovem Clarissa contempla o novo espaço urbano e a desagregação do velho mundo de seu clã familiar. Júbilo, desencanto, angústia e visão crítica se misturam numa ficção repleta de alternativas para o leitor.

Clarissa (1933) é o primeiro romance publicado de Erico Verissimo. Com ele o escritor começou a criação de um mundo específico de personagens, cuja presença se estenderia por vários romances. Dez anos depois, ao lançar *O resto é silêncio*, Erico completava a cons-

trução de uma visão abrangente da cidade de **Porto Alegre** e das mudanças aceleradas que atingiam o espaço urbano brasileiro.

Desde *Clarissa*, Erico demonstrou maestria no manejo do ponto de vista e da concentração de significados. Quando o leitor abre o livro, depara-se com a seguinte frase: “Só agora Amaro acredita que a primavera chegou: de sua janela vê Clarissa a brincar sob os pessegueiros floridos”. Em seguida ficamos sabendo que a personagem reside numa pensão; que há outra figura humana em cena, um menino doente, numa cadeira de rodas, e que um avião cruza o céu.

O parágrafo fala também da presença ostensiva da primavera e da luminosidade do dia, dados que ajudam a compor o ambiente e situar o leitor no tempo e no espaço. O tempo é o mais recente possível, pois “só agora”, expressão que inicia o romance, remete a ação para a atualidade. Além disso, valoriza-se a modernidade, já que o narrador faz questão de destacar o avião que cruza o céu.

O espaço é urbano, embora não haja referência explícita a uma cidade. Ao lembrar que os pátios da

A PORTO ALEGRE DE CLARISSA

Clarissa se passa em 1932, numa Porto Alegre de ar bucólico de pequena vila. As casas têm quintais, animais, jardins; as jovens namoram nas janelas, os rapazes passeiam em ruas iluminadas por lâmpíões de gás. Há sinais do progresso em quase tudo: automóveis e bondes cruzam as ruas, vitrines enchem os olhos dos passantes, vez por outra um avião risca o céu. O famoso dirigível *Graf Zeppelin* sobrevoa a cidade a caminho do Rio de Janeiro ou de Buenos Aires; em 1927, voos comerciais regulares pousam e partem do Guaíba.

Por volta de 1930, Porto Alegre tinha cerca de 200 mil habitantes; em 1935, 250 mil. A partir do final dos anos 1920, grandes mudanças recortam a cidade. No centro, demolem-se pelo menos duas centenas de prédios antigos — casarões assobradados que muitas vezes viravam cortiços — para dar lugar a avenidas. Porto Alegre já tem quase 4 mil automóveis. Uma nova usina a carvão espalha fuligem pelo ar e inunda a cidade de energia elétrica, triplicando a capacidade produtiva. Os lâmpíões de gás estão com os dias contados; já não existem quando, em 1936, Clarissa retorna a Porto Alegre no romance *Um lugar ao sol*.

pensão e da casa vizinha estão separados por um muro florido, o narrador sugere que as residências estão próximas, característica da vida em centros populosos, e não no campo.

As duas páginas seguintes complementam os dados fundamentais do livro: esclarecem a situação de Clarissa, que mora com a tia e frequenta a escola, a profissão de Amaro, músico, e revelam quem são os demais pensionistas. O narrador parece contar a história com vagar, detendo-se nas imagens e nos sons captados por Amaro. Contudo, a impressão é contrariada pela rapidez com que vai introduzindo os elementos principais do romance, para que o leitor, antes de tudo, sinta-se membro do grupo e participe da vida das personagens.

Amaro é músico, mas não consegue dar vazão à sua criatividade, frustrando-se sempre que deseja compor. É por isso que, quando Clarissa o define como um “homem triste”, sabemos de antemão a causa da tristeza e entendemos seu comportamento. A menina é o oposto dele. Já no primeiro parágrafo, o narrador a associa à primavera que chega e às flores que nascem, especialmente as do pessegueiro, célebres por anteciparem essa estação do ano. Clarissa é o novo que se anuncia e alegra a todos: na frase que dá início ao livro, a garota brinca no quintal; quando finda o primeiro segmento do capítulo 1, ela está sorrindo.

A AÇÃO DO NARRADOR

Por intermédio do narrador, as páginas de abertura apresentam outras habilidades de Erico. Citemos duas.

O segmento inteiro emprega o verbo no presente, e o pretérito só é utilizado quando se trata de um acontecimento anterior àquele vivido pelas personagens. Isso permite que o narrador amplie as possibilidades do “agora” e os eventos se desenrolem diante de nós, ao contrário da prática comum, que traz o verbo no pretérito, como se tudo já tivesse ocorrido e se encerrado quando o leitor toma conhecimento dos fatos.

É bastante difícil conduzir uma narrativa dessa forma, pois o contar está associado ao uso do pretérito, mesmo quando o que sucede se passou há poucos instantes. O efeito obtido por Erico Verissimo ao tornar cinematográfico o relato é notável, além de mostrar o quanto o autor aprendia com uma técnica bem recente na época (1933).

Das páginas iniciais até o final do primeiro segmento do capítulo de abertura, o narrador expõe a maneira como Amaro percebe o ambiente circundante, destacando não apenas os seres humanos — sobretudo Clarissa e o menino doente —, mas também as cores e as sensações pictóricas suscitadas pelo espaço. Menciona-se a quantidade de tons: o roxo das glicínias, o dourado do sol e o azul do céu.

Na sequência, mais cores aparecem, de modo direto ou não, transformando numa pintura o cenário divisado por Amaro. Contudo, o compositor deseja converter em som sua percepção do espaço, mudando do registro visual para o auditivo, porque a criatividade dele passa pela música. O esforço de Amaro é altamente expressivo das dificuldades de invenção com que se depara todo escritor, pois também o artista que lida com as palavras precisa proceder à transposição de sentimentos ou vivências originárias de sua experiência e imaginação para o mundo fantástico da ficção. Amaro, amargo como o nome sugere, não é bem-sucedido.

MÚSICA AO LONGE

Embora o romance *Música ao longe* conte com a mesma protagonista de *Clarissa*, não foi

lançado imediatamente depois deste. Entre eles, Erico compôs *Caminhos cruzados* (1935), com outras personagens na mesma Porto Alegre. *Clarissa* e *Música ao longe* passam-se em lugares diferentes, e o modo de narrar também é modificado pelo escritor, que diversifica os processos de produção a fim de atrair o leitor para novas questões.

A frase de abertura de *Clarissa* mostra o ângulo pelo qual Amaro enxerga a garota, brincando entre os pessegueiros floridos, sintoma da chegada da primavera. Já em *Música ao longe*, o observador externo e anônimo que se ocupa da narração vê a moça riscar “com giz no quadro-negro a paisagem que os alunos devem copiar”, e depois explica como é o desenho e reproduz o diálogo.

Em *Clarissa*, o autor, por meio da percepção de Amaro, privilegia os aspectos da natureza, cuja luminosidade fica reforçada pela juventude da menina. Em *Música ao longe*, é o diálogo entre a jovem professora e os alunos, apresentado sem a interferência de comentários do narrador ou de pensamentos da personagem, que preenche as primeiras páginas.

AS RAZÕES DA MUDANÇA

Essas duas alterações não são apenas técnicas. Podemos notar que a paisagem, matéria do deslumbramento de Amaro em *Clarissa*, transforma-se em objeto do desenho das crianças, que, não levando o trabalho a sério, banalizam-na, provocando sua dessacralização, rebaiamento e vulgarização. O cenário que Amaro percebia liricamente se torna pretexto para o riso das crianças, que não se comovem diante do desenho.

Além disso, enquanto Amaro aprecia a paisagem urbana onde vive e o mundo moderno representado pelo avião que cruza o céu, os meninos desdenham e riem da reprodução pouco imaginativa do ambiente rural feita por *Clarissa*. Nem a professora, que voltou para o campo, nem seus alunos apreciam o mundo que habitam, caracterizado pela simplicidade e, de certo modo, pelo atraso, expresso na chaminé da casa e na referência à vaca, assunto de piada de um dos estudantes. Outras alusões à paisagem manifestam o desencanto de *Música ao longe*, como a descrição que sucede à meditação da professora enquanto os meninos rabiscam: “Clarissa perde-se em divagações. A luz jorra através das janelas. A manhã vai envelhecendo aos poucos. Na parede a folhinha diz que hoje é 20 de março”.

Se retornarmos à abertura de *Clarissa*, reparamos que a luminosidade é sinal de vida e juventude graças à animação da garota e à citação da primavera. Em *Música ao longe*, a manhã “envelhece”, e o calendário marca a chegada do outono, estação associada ao ocaso, à caducidade do tempo e à decadência.

A COMPLEXIDADE DA NARRAÇÃO

Tal como ocorre em *Clarissa*, Erico Verissimo principia *Música ao longe* de forma muito original: sugere como se deve entender o tempo, o espaço e as personagens, sem que o narrador tenha de tecer comentários ou dar explicações. Deparamo-nos com um relato aparentemente simples, fácil de acompanhar, mas no fundo complexo, porque antecipa nas entrelinhas o modo como deseja ser compreendido pelos leitores. Enquanto *Clarissa* valoriza a juventude e a modernidade, admiradas por Amaro, que deseja reproduzi-las em sua obra musical, *Música ao longe* logo menciona o envelhecimento e a decadência.

Isso não significa que o público faça todas as deduções possíveis na primeira leitura. Pelo contrário, as sutilezas utilizadas para compor o cenário e esboçar as personagens ali estão para que voltemos ao início e busquemos, a cada oportunidade em que nos aproximamos da obra, outros sentidos para as palavras empregadas. *Clarissa* e *Música ao longe* suscitam novas possibilidades de interpretação à medida que o leitor adentra o texto.

O TEMPO E O ESPAÇO

Cabe perguntar por que o escritor muda o registro de um livro para outro, sem alterar seu modo simples e discreto de narrar. A questão tem a ver com o tempo e o espaço.

Clarissa e *Música ao longe* elegem uma apresentação linear dos acontecimentos, coerente com o estilo direto das obras. Embora a época seja idêntica em ambas, pois se refere à atualidade, há divergência na maneira de encará-la: num caso, o presente é visto positivamente; no outro, dá-se o contrário. A diferença, por sua vez, relaciona-se ao espaço e à situação econômica e social das personagens.

A ação de *Clarissa* transcorre em Porto Alegre, e, ainda que a obra não assuma perspectiva eufórica quanto à modernidade, constata-se visível satisfação com o modo de vida contemporâneo. É porque os **costumes** mudaram que a menina de catorze anos incompletos pode migrar para a capital, residir temporariamente na pensão da tia e diplomar-se professora. Nesse romance, o passado é apresentado de forma cômica — como no saudosismo do major Nico Pombo —, sinal de que o escritor não experimenta nostalgia pelo que já aconteceu. Mas não são todas as manifestações da atualidade que são aprovadas pelo livro: ele sugere, por exemplo, que a situação brasileira no período é insatisfatória e lembra, na fala de Amaro, a ascensão do nazismo e do fascismo na Europa, fatos simultâneos ao ano de publicação de *Clarissa*, 1933.

Em *Música ao longe*, a narrativa transcorre em Jacarecanga, a cidadezinha interiorana de onde vem Clarissa e para onde ela retorna depois de obter o título de professora. O atraso da comunidade é antecipado nas páginas de abertura, quando as crianças desenham uma casa “em cima duma coxilha”, isolada e praticamente desabitada, pois não há referência a seres humanos. As alusões ao espaço só confirmam a situação de desolação e decadência, como o já mencionado “envelhecimento” do dia e o outono.

AS ARTES DAS ARTES

Nada revela melhor as transformações de um mundo do que as artes, pois nelas, além da técnica, transparecem as mudanças do coração e da mente, por vezes mais vertiginosas que as mudanças externas.

Em 1932, ano em que Clarissa se forma professora, um grande acontecimento marcou a vida artística da capital do Rio Grande do Sul. O Cine-Theatro Imperial, no centro, trouxe para o seu palco o conjunto Ases do Samba, do qual faziam parte Noel Rosa, Francisco Alves, Mário Reis, Pery Cunha e Nonô.

Porto Alegre tinha uma vintena de “cineteatros”, assim chamados porque alternavam sessões de cinema com espetáculos ao vivo. Havia dois pontos nobres: o Theatro São Pedro, inaugurado em 1858, e o então recém-construído Auditório Araújo Vianna, uma concha acústica ao ar livre.

Neles se apresentaram artistas como o pianista Arthur Rubinstein e os cantores líricos Beniamino Gigli e Tito Schipa. Na cidade, apreciava-se muito a ópera. Não era incomum pessoas se aglomerarem do lado de fora do Theatro São Pedro para ouvir os cantores pelas janelas abertas ou simplesmente para vê-los passar. Novas rádios transmitiam ao vivo os espetáculos.

No Carnaval, os bailes em clubes eram frequentados por pessoas de posses e pela crescente classe média. O povo gostava mesmo de brincar na rua, nos desfiles dos blocos.

Na rua dos Andradas, uma editora começava a ganhar fama no país inteiro: a da Livraria do Globo. Era ali que trabalhava Erico Verissimo, num canto improvisado em escritório, como secretário de redação da *Revista do Globo*.

POLÍTICA E ECONOMIA

A crise financeira de 1929, com a quebra da bolsa de Nova York, devastara a economia brasileira, centrada nas exportações de café. O Rio Grande do Sul não fora afetado tão dramaticamente quanto outros estados (São Paulo, por exemplo), graças a certa diversificação da produção introduzida pelos imigrantes, uma industrialização relativa de produtos para o consumo. Assim mesmo a situação era grave.

A vida das pessoas, inclusive as de classe média, carecia de recursos: os empregos eram raros; não havia uma previdência social pública nacional e organizada; a doença ou a morte de um chefe de família constituía um cataclismo que condenava todos à miséria, ou forçava os filhos a interromper os estudos e trabalhar. É o que acontece, de certo modo, com *Clarissa*, embora ela não precise parar de estudar.

Mas grandes mudanças armavam-se em torno da pequena Jacarecanga. Em 1934, depois de chegar ao poder pelas armas em 1930 e derrotar a revolta de 1932 em São Paulo, Getúlio Vargas é eleito indiretamente presidente da República. A nova Constituição pela primeira vez assegura o voto das mulheres, fala da educação pública como direito dos cidadãos e dever do Estado, institui um sistema judiciário próprio para organizar e fiscalizar as eleições (cujas fraudes constantes estiveram entre os motivos da Revolução de 1930) e reconhece direitos trabalhistas e sindicais.

A crise econômica motivou também a criação de associações e federações para proteger e promover a produção de, por exemplo, charque, arroz, trigo. Mas o setor pastoril já tinha sofrido um abalo definitivo. A excessiva concentração da política econômica na exportação do café prejudicava a pecuária. E a produção de charque — consumido pela população pobre e pela classe média — e de congelados, dos novos frigoríficos, caiu pela metade. Falidos, esses frigoríficos foram comprados por investidores estrangeiros.

A CRISE E A DESAGREGAÇÃO

Ao longo de *Música ao longe*, assistimos à lenta desagregação da família Albuquerque — cujo último rebento é Clarissa —, por problemas de dinheiro e mudanças no sistema econômico. Em *Clarissa*, questões desse tipo já apareciam: dona Eufrasina queixa-se dos pensionistas que atrasam o pagamento; o tio de Clarissa não trabalha, aguardando uma improvável colocação no serviço público; Amaro é músico mas depende do salário que recebe no banco onde está empregado. Contudo, aqui a **instabilidade econômica** não atinge profundamente as personagens; apenas retrata o cotidiano da classe média brasileira, precário e sem perspectivas a curto prazo.

Música ao longe traz o problema financeiro para o primeiro plano, diagnosticando a gravidade da situação de um grupo que deteve o poder econômico por muito tempo e foi glorificado no passado mas no presente não tem meios para se sustentar. A narrativa propõe um registro diverso daquele do livro anterior, agora desalentado e melancólico, tal qual o tempo e o cenário contemplados pela protagonista. A insegurança da moça em relação à profissão e aos alunos é igualmente representativa da fragilidade social que a obra expressa.

De *Clarissa*-livro para Clarissa-personagem de *Música ao longe*, há, portanto, mudanças substantivas, adiantadas pelo modo como o escritor abre cada um dos romances.

AS DUAS CLARISSAS

A Clarissa do primeiro livro é uma garota em vias de completar catorze anos. Conforme algumas religiões e costumes, esse é o momento em que o ser humano

passa da infância à idade adulta. O romance narra, pois, o ritual de iniciação da jovem num universo novo, que ela recebe às vezes com júbilo (quando caminha pela cidade iluminada pelo sol e brilhante de modernidade, no começo do capítulo 3), às vezes com desencanto (quando, por exemplo, Amaro não a cumprimenta pelo aniversário), e às vezes, ainda, de maneira crítica (sobretudo quando está na escola, instituição convencional e autoritária, que confunde aprender com decorar; quando está conhecendo o mundo novo traduzido pela natureza e pelo relacionamento com as pessoas).

Já a Clarissa de *Música ao longe* tem dezesseis anos. As perdas que envolvem seus familiares a levam a amadurecer na direção da amargura. Como no livro anterior, a consciên-

tização sobre os acontecimentos passa pelo filtro dos pensamentos da personagem, que descobre aos poucos a falta de perspectiva da vida em Jacarecanga.

Mas, se a primeira narrativa finda com uma separação, a segunda termina com um reencontro e a ligação afetiva entre dois jovens. Em *Clarissa*, a protagonista fecha sua trajetória ao retornar para casa, após o término das aulas. Despede-se de Amaro, o músico frustrado, mais triste e melancólico com a partida da garota. Ele tenta reter-lhe a imagem com uma última olhada no quarto dela, mas é flagrado pelo papagaio, que, de certo modo, denuncia sua presença. O desapontamento do artista, definitivamente silenciado, é indicativo da falta que Clarissa lhe faz.

Em *Música ao longe*, Clarissa descobre amar Vasco e compartilhar com ele o desejo de mudar a situação presente. Os parágrafos de encerramento narram o reencontro da personagem com o jovem pintor, ela agora moça experiente e madura, ele admirador não suficientemente declarado. Relatando a decadência, *Música ao longe* propõe, no final, um novo princípio, graças à presença de Vasco, o qual concretiza o ideal que Amaro não conseguira atingir.

Descortina-se, assim, a possibilidade de um horizonte renovador, de que o casal Clarissa e Vasco é expressão, matéria que Erico Verissimo ainda desenvolverá em romances subsequentes como *Um lugar ao sol* e *Saga*. O escritor, criativo como suas personagens, não esgota suas potencialidades, oferecendo ao leitor originais e infinitas alternativas de leitura.

Leituras sugeridas

1. *Caminhos cruzados*, *Um lugar ao sol*, *Saga*, *O resto é silêncio*, livros de Erico Verissimo que tratam das mesmas personagens ou de grupos e espaços a elas relacionados. Erico criou uma Porto Alegre literária, que apresenta a cidade e sua história ao público leitor.
2. *O apanhador no campo de centeio* (1951), de J. D. Salinger. O romance narra a história de um adolescente norte-americano que toma conhecimento da violência que governa o mundo. Um paralelo com o universo de Clarissa pode ser muito sugestivo.
3. *O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos. Belmiro, funcionário público de Minas Gerais, pode ser definido como um “adolescente temporão”, um homem maduro que descobre a força que podem ter as paixões esquecidas ou amortecidas. Aproximá-lo de Amaro, de *Clarissa*, é um pequeno passo...
4. *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego. Um menino evoca seu crescimento na paisagem convulsa, violenta e decadente do ponto de vista econômico do nordeste brasileiro. A época literária e a premência das mudanças são as mesmas de *Clarissa* e de *Música ao longe*.
5. *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado. O universo dos meninos da capital da Bahia, constrangidos pela miséria mas libertos pela imaginação, faz um contraponto muito interessante aos tolhimentos de que padece Clarissa, por sua condição de mulher.
6. *A moratória* (1955), de Jorge Andrade. Essa peça de teatro conta a derrocada de uma família fazendeira de São Paulo e da política café com leite no Brasil, mostrando como a ruína pode levar a um crescimento de consciência.

Atividades sugeridas

1. Em *Clarissa*, uma das personagens é o músico Amaro, que está empenhado em compor uma rapsódia, inspirando-se nos sons da rua e nas sugestões da paisagem. Em *Música ao longe*, Vasco é um pintor cujas telas, apreciadas por Clarissa, nem todos conhecem, já que, como Amaro, ele precisa ganhar a vida e não pode se dedicar exclusivamente à atividade artística. Uma terceira forma de arte é praticada pelas personagens, a da palavra, e aparece pelo menos de duas maneiras: Clarissa redige um diário, e Paulo Madrigal, admirado pela heroína, que acaba por conhecê-lo em Jacarecanga, escreve poemas. A partir do reconhecimento dessas situações, pode-se propor aos alunos que:

a) procedam como Amaro, isto é, busquem as canções populares e os sons que vêm da rua (pessoas no trabalho, pássaros e outros animais etc.), e procurem registrá-los de modo audível e entoável. Um bom lugar para realizar essa atividade é uma feira livre. Com base no material colhido, os alunos podem recriar uma cena da feira num texto, num diálogo ou numa trilha sonora, por exemplo. Podem ainda pintar um quadro com a cena e expô-lo juntamente com a trilha sonora;

b) pesquisem as diferenças entre as formas artísticas presentes nos romances — música, pintura e literatura — e estabeleçam as possibilidades de as propriedades de uma se transformarem em características de outra, como deseja fazer Amaro na abertura de *Clarissa*, quando ambiciona transpor as cores do dia para as notas musicais de sua composição. Podem, por exemplo, ouvir uma peça musical (como “O trenzinho do caipira”, de Villa-Lobos) e tentar traduzi-la num texto;

c) discutam a situação do artista na sociedade brasileira, suas dificuldades de profissionalização e até de subsistência: em que áreas elas são mais evidentes? como podem afetar a qualidade e o conteúdo das produções artísticas? que políticas públicas são ou deveriam ser adotadas para o setor?

2. Em *Clarissa*, uma das personagens mais típicas é o major Nico Pombo, que tem saudades do período monárquico e das guerras do passado, as quais ele repetidamente narra a quem se dispõe a ouvi-lo. Em *Música ao longe*, o passado é representado pelos parentes de Clarissa, cujo bisavô participou da Guerra do Paraguai e cuja família já deteve o poder político e econômico em Jacarecanga, enquanto o presente é traduzido pela ascensão da família Gamba, os imigrantes que se adonam das propriedades dos Albuquerque.

Considerando essas coordenadas históricas, pode-se sugerir aos alunos que:

a) pesquisem, com a ajuda do professor de História, a trajetória das classes sociais representadas nos livros, como a dos grandes proprietários rurais e a da burguesia formada pelos imigrantes europeus que enriqueceram graças à atividade comercial;

b) reconstruam a árvore genealógica da família Albuquerque, verificando a que época histórica corresponde cada uma das personagens e por que aconteceram, durante a primeira metade do século xx, os deslocamentos sociais retratados por Erico Verissimo;

c) imaginem o percurso histórico da família Gamba a partir da ocupação da residência dos Albuquerque, levando em conta a história do Brasil desde 1930, e escrevam uma curta nar-

rativa protagonizada por um descendente dos Gambas, após a partida de Vasco e Clarissa para a cidade, como promete o final de *Música ao longe*. Para se inspirarem, podem assistir ao filme *O quatrilho*, de Fábio Barreto.

3. Amaro é músico, Vasco é pintor. Pode-se pedir aos alunos que pesquisem:

a) a música da época: o que se tocava no Brasil, na região, na cidade? quais são os espaços históricos da música na cidade onde vivem? onde eram os concertos? quem tocava? recebiam-se visitantes famosos? como era a música popular? teria havido personagens como Amaro, músicos que não buscavam a fama, mas satisfação pessoal, e terminaram esquecidos?

b) as artes plásticas da época: o que se fazia em matéria de pintura? havia movimentos renovadores? quem eram os pintores e pintoras? como se relacionavam com a cidade?

A pintura de Vasco parece ser um tanto “acadêmica”: paisagens e retratos, inclusive o de Clarissa. Os alunos podem pesquisar junto à família que tipo de quadros gostam ou gostariam de ver ou ter. Podem visitar um museu e anotar que quadros poderiam ter sido assinados por Vasco e explicar por quê. Ao mesmo tempo, podem fazer um levantamento de outros estilos de pintura praticados na década de 1930. Ou pintar seus próprios quadros ao estilo de Vasco e expô-los, criando um catálogo para a exposição; podem até escrever críticas, uns sobre as obras dos outros, baseadas na comparação com quadros de estilos diversos vistos no museu ou em livros.

4. A época de *Clarissa* e *Música ao longe* é marcada por profundas mudanças no cenário urbano brasileiro e na relação deste com o campo. Os alunos podem organizar uma pesquisa sobre a sua cidade nos anos 1930-35: que transformações ocorreram? que ruas foram criadas? que nomes de ruas mudaram? como era o entorno da cidade? havia campo e produção rural por perto? o que seus familiares mais antigos lembram do período? quais eram as atividades produtivas da cidade? Com base nos resultados da pesquisa os alunos podem imaginar seu “mundo” daquele tempo e usá-lo como cenário para uma ficção com personagens de sua livre criação.

Os alunos podem também procurar descobrir as semelhanças e as diferenças entre o Brasil de então e o Brasil atual, o que pode dar origem a vários tipos de trabalhos e atividades: desde imaginar como seria o mundo de Clarissa nos dias de hoje até criar (em histórias, desenhos ou maquetes) cidades fictícias que reproduzam, em regiões distintas, os tempos de Jacarecanga.